

DISCURSO DO ADVOGADO JOSÉ DE ALMEIDA EUSÉ-  
BIO, PROFERIDO NA SESSÃO SOLENE DE HOMENAGEM  
A SUA EXCELENCIA O SENHOR EMBAIXADOR DO BRASIL,  
REALIZADA EM 17 DE MAIO DE 1944

SENHOR PRESIDENTE DA ORDEM DOS ADVOGADOS,  
SENHOR EMBAIXADOR DO BRASIL,  
SENHORES CONSELHEIROS E PROFESSORES,  
SENHORAS E SENHORES,  
EXCELÊNCIAS :

**E**SMORECIA com a tarde a última escaramuça, ali, onde acabava  
a Terra!

Fitas brancas sucessivas de mansa espuma marcavam  
o princípio das águas.

Do corcel passámos à quilha!

Das grandes capas brancas dos freires das Ordens Militares  
de Cristo e de Santiago, de Aviz e de Malta, aparelhámos as velas!  
A cruz de Cristo, a sangrar, passou dos ombros dos cavaleiros  
para as asas brancas das naus e das caravelas, fustas e galés.

E a correria, a cavalgada, continuou, agora, sôbre o dorso  
inquieta das ondas, sob o império do mesmo destino: a conquista  
da glória.

Homens de epopeia e lenda, e tragédia, êles aí vão, viver,  
cantar, chorar a história da sua missão universalista.

Sabem ler nas constelações como em livro aberto, dispõem

de astrolábios de precisão, dominam ventos, vencem calmarias; levam dentro do coração o Deus das alturas, de quem vão ser apóstolos e pregoeiros. O mundo é dêles!

Depois de Deus, Dom Henrique, da *inclita geração*, um dos *altos infantes*, de 18 anos apenas, como em 1455 notava Nicolau V na célebre Bula, comandava o punhado de *lobos do Mar* que ia escrever, imortalmente, com letras de fogo e ouro, a nossa página marítima, simultâneamente, imperial, diplomática, espiritual, e católica.

— *Dobrem o Cabo Nã*, ordenou o Infante. E, em 1412, o cabo era *Sim* para os novos cavaleiros das naus de Cristo. O mundo alargava-se.

— *Agora, a Ceuta*, ribombou Dom Henrique. Em 1415, 33 naus, 59 galés, 128 baixios, com 20.000 homens, comandados pelos próprios Rei e Infantes, tomavam Ceuta aos mouros.

A Vitória ufana beijava-nos a face carinhosamente!

— *Dobrem o Bojador*, ouviu-se a seguir. Levou 15 anos a cumprir o novo brado. Entretanto, o Povo Missionário achava o *Pôrto Santo* em 1418 e a *Madeira* em 1420, formosas cristas da Terra a perfurar o Mar, que o Infante imediatamente povoou e cultivou. Da Ilha de Creta vem a *malvazia*, e da Sicília a cana do *açúcar*, presentes do Infante à Madeira.

Em 1430 ficava-nos para trás o *Bojador!*

Em 1432, Gonçalo Velho trazia ao Infante as primeiras rosas de Santa Maria. O Infante, porém, ambicioso, insatisfeito, descontente, troava:

— *Quero mais; caminhem, avancem; à Índia, à Índia; a Terra é vasta; há mais que descobrir!*

Em 1435 o Rio do Ouro e em 1440 o Senegal, mas, o Infante grita: *quero mais, Cadamosto e Jacome de Maiorca, quero mais!*

Em 1442, Antão Gonçalves traz ao Infante o primeiro ouro. Cabisbaixo, sombrio, insaciado, o Infante disse apenas: *quero mais.*

1444 dá-nos Cabo Verde e São Miguel dos Açôres, e 1448 os primeiros dentes de elefante, e um leão, vivo, ofertas do Rei Farim.

Em 1449, ano da morte do Infante, achamos a *Ilha de Jesus Cristo*, a Terceira, e depois, seguidamente, a Serra Leoa, a Mina,

o Cabo de Santa Catarina, o Rio Gabão, e em 1471, com as ilhas *Formosas*, Fernando Pó, Ano Bom, Corisco, São-Tomé, Príncipe.

A Guiné, em 1482; o Zaire e o Congo, em 1484.

A voz do Infante era ainda de trovão: ...*Caminhem, quero mais.*

Se já tínhamos o ouro e a pimenta, para quê a Índia?

Mas, não estava ainda vivida, cantada, sentida, chorada, tôda a nossa história trágico-marítima.

Do padrão de São-Tiago, na Serra Parda, avista-se o padrão de São-Filipe, sôbre o Cabo que o Príncipe Perfeito logo crismou de *Boa Esperança*.

Em 1494 o *Tratado de Tordesilhas* divide os dois hemisférios, pela linha a 370 léguas para ocidente de Cabo Verde.

Do padrão de São-Filipe ao de São-Gabriel doze anos apenas.

Em 1497, a 8 de Julho, partem do Tejo, entre hosanas e lágrimas, 170 homem apenas, nas *São-Gabriel*, *São-Rafael* e *Berrio*. A 22 de Novembro sôbre o *Boa Esperança*, e depois de *Moçambique*, *Mombaça*, *Melinde*, *Calecute*, a 20 de Maio de 1498, a Índia, enfim, o sonho feito realidade.

Após dois anos e vinte e um dias, a 29 de Agosto de 1499, Vasco da Gama volta ao Tejo.

Dos 170 homens só 55 chegam vivos; os restantes tinha-os a morte tornado imortais.

Sôbre a prôa da nau *capitaina*, alada e vaporosa, definia-se a própria figura majestosa da Vitória de Samotrácia, a coroar de louros a fronte severa dos heróis!

Vozes agradecidas elevavam aos Céus os versículos solenes do cântico de Santo Ambrósio: *Te Deum Laudamus*.

Dom Manuel mandava lavar moedas de 35 gramas de ouro puro, *portugueses* chamadas, com as legendas:

«*Primus Emmanuel Rex Portugalie, Algarbiorum, citra et ultra in Africa, Dominus Guinæ, conquisitionis, navigationis, commercii, Æthiopiæ, Arabiæ, Persiæ, et Indiæ*».

Oito meses depois, Pedro Álvares Cabral aparelhava a segunda Armada à Índia, com 13 naus e 1.500 homens.

Saiu a 9 de Março de 1500. Em 22 de Abril, a 670 léguas para Ocidente da Ilha de São-Nicolau, surge a *terra de grandes*

*arvoredos*, denunciada de véspera pelo *botelho e rabo de asno* a boiar nas águas e pelos *fura buchos* a cortar os ares.

*Pero Vaz de Caminha* na carta para El-Rei, datada de 1 de Maio de 1500, coloriu vivamente o *achamento*, as pessoas, as coisas, as primeiras missas, da *Ilha de Vera Cruz*.

Assim, quási desprezívelmente, foi denominada *Ilha* aquêlê incomensurável continente, *onde mais se alarga a terra do pau vermelho, de Santa Cruz*, na expressão camoneana, aquêlê mundo novo do *pau de tinta... Ilha*, era menos excitativo de cobiças! Segredos e simulações da época!

Assim começou, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, a epopeia do Brasil, a maior de tôdas as da gente lusa, em que há luminosidades de génio, esfôrço, sacrifício, e contumácia de herói, loucuras de santo, ternura de missionário, bravura de mártir, acção viva, magnífica, soberba, triunfante, original e boa, de fundador, criador, e construtor de povos.

O Brasil é a apoteose de Portugal.

Achámos terra e íncolas paradisiacos.

O pintor naturalista de 1500, *Pero Vaz de Caminha*, na primeira carta de *achamento* viu êsses íncolas, como *gente mansa e tratável, de bons rostos e bons narizes, bem feitos, curados e muito limpos, de côr parda e pêlos rapados*.

Apresentavam-se nus, *sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas, pintados uns de vermelho vivo, que a água não comia nem desfazia, outros quartejados de escaques*, isto é, como tabuleiros de xadrez.

Todos pintavam a testa de larga pala preta.

As mulheres eram igualmente *gente boa e de bela simplicidade, galantes, gentis, nuas também, por inocência adâmica desconhecadora do pudor, bem feitas, redondas, bustos graciosos, cabelos compridos pelas costas*.

*Êles toucavam-se de penas de ave, longas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, e ramais de contas brancas*.

Foi com esta *gente mansa e tratável, bela e inocente*, que pudemos levantar a majestosa *Urbs* brasílica.

Enéias, de douradas lendas tecidas por olímpicas mãos de deuses, não escreveu história mais maravilhosa!

Em três minguaudos séculos, após o *fiat* de prodígio, da Pequena Casa Lusitana, com menos de dois milhões de almas, sai uma das maiores nacionalidades do Globo.

Sábios cosmógrafos, destemidos e experimentados navegadores, nautas de Deus, Missionários de Cristo, achámos o Brasil, não por acaso, por afastamento da costa africana, pelas calmarias da Guiné, ou pela acção de correntes marítimas, como tantos detractores afirmam, antes pela vontade esclarecida e férrea deliberação da nossa alma quinhentista.

*Achamento* ou *descobrimento* são vozes paralelas, sinónimas. A segunda não exclui o sentido de consequência natural e lógica de quem procura.

*Pêro Vaz de Caminha*, lido por Dona Carolina Michaëlis, há 20 anos, ou por Jaime Cortezão, na edição brasileira da *Carta*, que acaba de chegar a Lisboa, não abona opinião diferente.

No lado de lá, quando metemos a direito, e fômos *de longo* na expressão de *Pêro Vaz de Caminha*, a terra do *pau de tinta*, do *pau brasa*, esperava-nos, é natural presumi-lo, e logo nos tingiu e marcou, indelêvelmente, logo nos queimou, imorredouramente, de paixão brasílica.

De então para cá, ao serviço dessa paixão empolgante, esmagadora, indominável, Portugal tem sabido viver, e tem sabido morrer, a fazer o Brasil!

Com Deus, por Deus e para Deus, em 300 anos, escrevemos, em vastos volumes, esta gloriosíssima epopeia. Muitos foram os autores geniais do ingente labor, incessado ainda hoje.

Deixem-me, porém, colocar à cabeça desta divina emprêsa o grande Rei Dom João, o Terceiro, e os Padres Jesuítas, êsses imortais Manuel da Nóbrega, Anchieta, Luís Figueira e António Vieira, a que acrescentarei muitos *Capitães*, muitos *Donatários*.

Dom Manuel morre sob a influência dos estupefacientes *fumos* da Índia, mas Dom João III concebe, ante-projecta e põe em realização o Brasil, na serena e superior visão dos grandes constructores de povos, forma única de dilatar no espaço e eternizar no tempo a frágil e contingente vida humana.

Depois, os realizadores de magna estatura, como *Martim Afonso*, *Tomé de Sousa* e *Mem de Sá*. Souberam genialmente

fundar cidades, com a casa de Deus junto da fortaleza, e ordenar a fazenda, a justiça, o govêrno e a defesa, a organização social, a política, e o trabalho...

Eram os maravilhosos executores do plano, prévia e conscientemente delineado pelo Rei piedoso!

O jesuíta tomou a mais revelante das funções : a dos costumes, a da moral.

Por meio do *aldeamento* e da *catequese*, foi o jesuíta que fêz o Brasil.

Em luta homérica, muitas vezes assinalada com cruzes de Calvário, testemunhos de sangue, e palmas de martírio, o jesuíta combateu, e venceu, a antropofagia do indígena, a selvajaria do negro, e, sobretudo, a imoralidade transbordante do branco. Ao mesmo tempo abria por tôda a parte casas de artes e ofícios, escolas e colégios de todos os graus de ensino, boticas para ministrar remédios, contra doenças e epidemias, como o *quinino*, chamado *pó dos jesuítas*, por êles inventado e distribuído.

De tudo cuidava o jesuíta : da alimentação como da liberdade dos índios, da escravatura dos negros como da *escravatura* dos brancos, com a diferença de que alforriar o negro foi emprêsa menos heróica do que cortar a *calcêta* da prisão do branco aos vícios e excessos, às asquerosidades físicas e espirituais da impureza!

Foi longo e duro o caminho percorrido na reconquista do branco, para elevar de novo o povoador delirante, fora de tôdas as leis de Deus e dos homens, às culminâncias da monogamia de bênção da Igreja.

As hordas humanas, quando pervertidas pela luxúria, inferiorizam-se aos rebanhos irracionais, pois até lhes falta a regra natural e comedida, a polícia do instinto.

Foi o jesuíta que espiritualizou e encaminhou para Deus índios, negros e brancos, que formou o protoplasma dêste grande povo, de civilização greco-latina, cristã-católica, prolongamento e perduração europeia de augusta lusitanidade.

A-par da obra prodigiosa da moral brasílica, souberam os portugueses gerar ali, em três séculos pequeninos, virtudes individuais e sociais de relêvo.

Como não há povo sem *apêgo à terra*, o que primeiro nos preocupou foi a criação de fortes liames que prendessem o homem ao ventre fecundo e maternal do solo.

Como operámos a colação? Com açúcar.

A *política do açúcar* precede tôdas as outras.

Orgulha pensar que aos portugueses coube a missão universalista de suavizar, adoçar, dulcificar a vida, o que tem o seu melhor símbolo no açúcar, que primeiro que ninguém espalhámos pelo mundo.

Somos os propagandistas do açúcar.

Descobrimos o Mundo, mostrámos o Mundo ao Mundo boquiaberto, abrimos para todos as estradas marítimas, e, seguidamente, como sem bondade nem doçura as sociedades humanas não têm graça nem beleza, espalhámos açúcar, regalámos o paladar de crianças e velhos, de sãos e doentes, o que é um tanto mais inofensivo, humano e belo, e glorioso, do que, por exemplo, a aplicação do submarino e do avião à guerra, na dizimação cruel, por surpresa e cilada, de populações inermes e indefesas.

Pois foi com açúcar, como ia dizendo, que apegámos o homem ao exuberante solo brasílico.

Aquela cana dôce que o *Infante* trouxe da Sicília para a Madeira, na primeira hora, foi também pressurosamente levada da Madeira para Vera Cruz.

O primeiro elo do braço musculoso ao torrão fertilíssimo, estabeleceu-o o açúcar.

Da cana à *fazenda*, da *fazenda* ao *engenho*, do *engenho* à *Casa Grande dos senhores*, a inteligência e o capital, desta à *senzala*, morada do trabalhador, são passos sucessivos, seguros, do místico casamento da Agricultura com o Industrialismo, em regime patriarcal de concórdia entre o patrão e o operário, suavizador, por que de açúcar se tratava, da organização social da época.

Esta nossa *política do açúcar* inspirou a *Gilberto Freire* dois volumes de poema valioso, simultâneamente operador da consagração de um grande escritor e sociólogo, dos maiores do Brasil contemporâneo, da descrição dos trabalhos hercúleos de um povo criador de povos, e da *aristocracia rural* em que nasceu e cresceu.

Mas, nem só de açúcar se fêz a grande comunidade nacional que é o Brasil...

Um dia, aquela *Terra paradisíaca* que já tinha dado aos povoadores as opulências da orla marítima, da crosta exterior e da seiva renovadora, escancarou-lhes as entranhas auríferas, e como boa mãe deixou sair do seio torrentes de vida, de riqueza.

Começou o *ciclo do ouro*, e pouco depois o dos *diamantes e pedras preciosas*.

Novo apêgo à Terra; formação das *Bandeiras*, marcha para o interior!

Toupeira sôfrega, de ambições desmedidas, o homem perfura em todos os sentidos a *Serra Fria*, o *Goiáz*, o *Cuiabá*, e organiza o novo empório de Minas.

É o delírio do ouro, é a abastança, e porque não falar da outra face, é o calvário do ouro!

O infeliz metal, amarelo, e faiscante, perturbador de olhos e até de consciências, continua a sua peregrinação de ambaixador de Plutão.

Sai dos recônditos escaninhos da Mãe, e, uma vez limpo das gangas que o sujavam, passa a viver guardado por poderosas forças militares ou aferrolhado, a sete chaves, nos erários dos Estados, nos porões inacessíveis dos Bancos, ou nas *burras* dos avarentos.

Amoedado em discos, com solenes legendas latinas, algum corre mundo para pagar serviços e malfetorias, outro é fundido em barras e lingotes, outro anda por aí, por tôda a parte, adôrno e decoração de mulheres e homens, ou representado pela *nota*, pedaço de vil papel, com dizeres e figuras impressos.

Os diamantes, as gemas, tiveram fim mais aparatoso. Depois de lapidados acenderam revérberos de luz e de beleza nos colos, nos dedos, nas orelhas, nos penteados e nos vestidos, de donas e minhanas.

Tôda a gente queria ouro, tôda a gente foi ao ouro, tôda a gente procurou ter uma mina de ouro. Era a atracção, o íman potente, o frenesi colectivo, que levava gente para o Brasil, que nos prendia ao Brasil, e de cujas mãos nos ia saindo o Brasil, rico, dourado, limpo, robusto, depurado, do qual promanou o Brasil de hoje, livre, autónomo, paladino do Direito e da Justiça



na Guerra, companheiro de armas na grande solidariedade americana, a forte comunidade brasileira, a 73 anos da gloriosa lei, de um só artigo, de 28 de Setembro de 1871, a da abolição da escravidão, que levou Victor Hugo a saudar o bravo Imperador filósofo, Dom Pedro II, com o nobre parentesco de neto de *Marco Aurélio*. O Brasil nasceu assim do gênio construtivo dos portugueses, a fluir naturalmente, como floração bela, da cana do açúcar, em terras de seios de ouro e pedras finas, obra dos *engenhos* e do *bandeirantismo*, dos *aldeamentos* e da *catequese!*

Da Ilha dos Patos não fêz Velho Monteiro, com a família e 500 índios, a Ilha de Santa Catarina? Pois, de tôda aquela extensa e belíssima geografia, de incomensurável grandeza, do litoral e do interior, da costa e do sertão e da floresta, do vasto continente ou das águas que o banhavam, subindo as *cachoeiras* do Amazonas a motor de combustível de sangue e vidas, fêz Portugal o Brasil.

Nada ali nos foi indiferente. Até fizemos obra artística e científica. Cartas hidrográficas, mapas, portelanos, livros e estampas, desenhos, fixaram em fólhos imorredouros a magnificência da flora, das espécies animais, das linhas e coloridas aves, os panoramas e horizontes da maravilha, que Deus ali concentrou e reuniu, para que de tudo sáisse o vosso, ou melhor, o nosso Brasil.

*Manuel Marques de Aguiar*, o abridor de beleza viva, não vai para lá antes de se aperfeiçoar na Inglaterra, a transmitir a olhos embevecidos, a côr, o movimento, a graça, a elegância, das gentes e das coisas e dos animais brasílicos, em gravuras de renome e fama perpétuas, a terra e a gente paradisíacas de Vera Cruz.

Quando um dia pressentimos que as minas de ouro poderiam ter declínio e fim, inventámos-lhe um substitutivo.

Depois do açúcar, o ouro. Ao *ciclo do ouro* sucedia o *ciclo do café*, *ouro preto* chamado, o famoso grão da Abissínia.

Pouco depois, o café do Brasil, o mais aromático e fino, dava-o aquela mesma *terra paradisíaca* de tais qualidade e quantidade que 80 por cento da infusão negra, ou alourada, que todo o mundo tornou indispensável bebida, era por êle fornecida.

E o *café* foi prosperidade!

Açúcar, ouro, café! Estava achada a triangulação da carta do magno Império. Sempre universalistas, espalhávamos por todos tudo o que considerávamos bom para nós.

Podemos dizer que nós, portugueses, cultivando e cavando a terra, produzimos trabalho e riqueza, prosperidade e bem estar, paz e ordem, equilíbrio e felicidade, sociais. Foi assim o Brasil que nos saiu da cabeça e do coração, da alma e das mãos.

Senhor Embaixador, onde está Vossa Excelência está o Brasil no esplendor total da glória brasileira!

Onde estão portugueses também está o Brasil, padrão vivo, eterno, luzido, da mais excelsa de tôdas as criações lusitanas, levantado do lado de lá do nosso Atlântico de majestade que foi testemunha e colaborador, pedestal de grandezas e sepultura de vencidos, o Atlântico que nos aproximou, o Atlântico que nos separa!

Há 400 anos que sentimos e amamos o Brasil, vivemos o Brasil, estremeçemos o Brasil, somos *pátria da vossa pátria*, na doce expressão afraniana, como estrofe viva, ruída, cantante, dos *Lusíadas*, ao longe, repetida na nossa língua, hendecassílabo imortal do génio, da alma, do coração, e do esforço, portugueses.

Há 400 anos que demandámos o Brasil como eleição de ambições. Há 400 anos que pagámos cada triunfo por mil caídos no pó do silêncio, e que para germinar e florir o Brasil adubámos a terra da carne e do sangue, inocentes, dos vencidos.

E se há êrros e imperfeições nesta obra genial de homens que é o Brasil, bem resgatados e expiados devemos considerá-los pela soma de dor e lágrimas, e sofrimentos, das fôlhas da História Trágico-Marítima, em que a escrevemos gloriosamente.

Os mortos, os desconhecidos, os que só deram e nada receberam, os que fizeram a magnificência dos vencedores, e em número de milhões foram as vítimas inocentes do sacrifício, tanto nos 300 anos que vão do *achamento* à sábia política do Reino Unido de Dom João VI, que circunstâncias estranhas, infelizmente, não deixaram perdurar, como nos 100 anos de autonomia que se lhe seguiram.

Sentimo-nos, Senhor Embaixador, brasileiros também, partícipes, interessados, sócios, camaradas, orgulhosos como pais do

bem dos filhos, e acompanhamos com atenção carinhosa a ascensão para a glória da grande comunidade americana do Sul.

Revemo-nos na contemplação das três singularíssimas unidades, que nós lá deixámos a florir risonhamente; uma só nação, uma só língua, a adorar e a servir o mesmo Deus, dentro da mesma Fé.

Admiramo-vos no culto, no respeito, pelo escol de liberdades individuais da pessoa, tão possivelmente conciliáveis com os interesses colectivos, dentro dos velhos, mas são princípios de que para servir o indivíduo, a maior das realidades é que existem as sociedades, as Nações, os Estados, e tôdas as organizações sociais.

Foi a escola de privilégios e graças, mercês e liberdades, franquezas e foros, prerrogativas e preeminências, regalias, usos e costumes louváveis, em que vos educámos, auridas pelo povo português em longos séculos de luta ingente de *betrias* gloriosas!

Veneramos com especial ternura a bondade, a piedade do carácter brasileiro, tão semelhante ao nosso, feito de lírica e ingénua lusitanidade, temperada da melhor caridade católica, e tão viva e palpável, em tôda a vossa actividade artística.

Deleita-nos a vossa poesia, a mais bela do universo, escrita em português, como nos encanta a música, a pintura e a escultura, brasileiras, feitas de luz e sol, vivacidade e graça, movimento e côr, suavidade e prazer.

Declamamos os vossos oradores para melhor gostarmos a grandeza da eloquência que lhes saíu do coração e se fez verbo de maravilha nas suas bôcas olímpicas.

Dão-nos aprazimento e illustração os prosadores, da descrição, do romance, e do jornalismo, por que nos põem nos olhos e no coração o Brasil, o sertão, a cidade, os costumes, a luz, e a vida, do vosso grande povo, da nossa egrégia obra!

Estudamos e conhecemos o vosso Direito, uma das mais formosas actividades da alta cultura brasileira, a norma e a corrente jurisprudencial, patentes nas leis e nos Códigos, nas Revistas, monografias, ensaios e tratados, sôbre todos os ramos jurídicos, a decorrer abundantemente das Faculdades e do Legislativo para os Tribunais e para a análise e comentário dos profissionais. É como que a retribuição do Direito Português sôbre o qual organizá-

mos politicamente o Brasil, aquêles compactos *in-fólios* das *Ordens* e de todos os *Reinícolas* que as expuseram, desenvolveram e applicaram. É jurídico o melhor arcabouço do vosso Império.

Nós vos doutrinámos o Direito, o nosso melhor e mais original Direito lusitano, adaptação talentosa dos eternos princípios justinianeus, coados pela capilaridade lusitana!

É tempo de terminar!

O Brasil acorda na alma e no coração portuguezes sentimentos e affectos da natureza dos que tão pàlidamente afflorei nestas minhas palavras, que bem posso denominar: meditação sentimental sôbre o Brasil, a 1944 anos de Cristo, em plena guerra que mais parece de troglóditas, a dentro de cavernas terciárias, a que o homem tivesse criminosamente emprestado a electricidade e o arco voltaico, o telefone e o rádio, tôdas as invenções e conquistas do génio, para uma obra de destruição e morte.

Senhor Embaixador:

Ao chamar a Vossa Excelência para esta *Ordem dos Advogados* quisemos, exclusivamente, honrar e prestigiar a instituição, pensamento e propósito que sempre nos orienta e anima.

Se, porém, para observância estrita da exigência legal houvésemos de chamar o Doutor João Neves da Fontoura à prestação de quaisquer provas para entrada na honrada confraria dos advogados de Portugal, bastaria recordar o carro triunfal em que Vossa Excelência subiu a esta sala, laureado pela Fama, orador, deputado, advogado e jurisconsulto, consagrado por insigne labor profissional, embaixador dos Advogados brasileiros e embaixador da própria Nação amiga, portador de affectuosas saudações. Principalmente, seria sufficiente ter gozado o deleite espiritual de ouvir a sapientíssima lição aqui proferida por Vossa Excelência.

Para sempre ficarão esparsos na atmosfera desta sala os doces murmúrios dos óptimos princípios, o suave encanto da excelente doutrina, eloqüentemente defendidos por Vossa Excelência, e estrepitosamente aplaudidos por todos quantos tivemos a dita de ouvi-los.

Memorável lição, de perfume raro, só ela justificaria a honra da nossa escolha de agora!

Uma pontinha de utilidade se justapõe, porém, à nobreza da eleição.

Alto pensamento nos domina! O da fundação de uma nova *Internacional, a Internacional do Direito e da Justiça*, para congregar todos os advogados e juristas, juizes, funcionários, profissionais, e estudantes, do Direito, comprometidos num programa mínimo, a bater-se pela reintegração do Direito, na base das Sociedades e das Nações, e na protecção da pessoa humana.

Conheçamo-nos, abracemo-nos nós em primeiro lugar, portugueses e brasileiros, e na continuação da nossa missão universalista, agrupemos os homens do Direito de todos os povos, para que o Direito mais uma vez salve o mundo.

Estão em crise as idéias madres da civilização europeia, latina, lusitana e católica. Deus está em crise. Cada vez há menos Deus, menos Amor. Cada vez os homens se odeiam mais uns aos outros. Está em crise a Igreja. Contra a velha, eterna e indefectível muralha da ordem, contra a sapiente e infalível mestra da verdade e das virtudes, sociais e individuais, levantam-se tôdas as batarias dos milagreiros das *novas ordens e novas felicidades*, êbrios da ambrósia do *Poder*, que disfrutam e não querem deixar.

Também o Direito está em crise. Karl Marx, estranha incarnation báltica, anti-Europa, anti-civilização greco-latina, anti-Igreja, anti-lusitanidade, anda por aí, um tanto por todo o mundo, *travestido* de nacionalista, a acender labaredas trabalhistas mascaradas de socialismos do Estado, e não passam de descaradas ou brandas epifanias de um só...

Da crise do Direito, a da Justiça.

As liberdades e prerrogativas humanas, os direitos da pessoa, caem e esvoaçam como fôlhas sêcas no Outuno.

E quanto mais indivíduos são na unicidade do poderio conquistado, mais negam a existência do indivíduo, para que todos se consideram meras rodinhas da engrenagem do *lôbo social*.

Antigamente, as Nações, os Estados, as sociedades, a própria família, todos os organismos colectivos, parece que existiam para promover e guardar o bem dos indivíduos. Agora diz-se: *o indivíduo não existe*, talvez para significar que o Estado é tudo, é o fim, de que o indivíduo é mero escravo e sacrificado.

Com a exaltação dêstes colectivismos, de exageradas idéias, é incompatível e inconciliável a Paz.

Salvemos, pois, pelo Direito, de todos os naufrágios e cataclismos, o Mundo.

Formemos nós, os homens do Direito, o forte e aguerrido exército dos *cavaleiros da lei*, guardas da civilização, operadores da Paz.

Unamo-nos, já, às vossas nobres Ordens dos Advogados, estaduais e federal, particularmente, à de São-Paulo, cujo *Código de Ética Profissional*, composto de 35 artigos, proclama bem alto a sua estrutura e valor, e à Sociedade Jurídica de Santo Ivo, também de São-Paulo, onde os lutadores sabem caldear de sangue de Cristo o fino aço das suas armas.

A fórmula de consagração da entrada na *Internacional do Direito e da Justiça*, pode ser assim, copiada da da *Sociedade de Santo Ivo*:

*«Dai-nos, Senhor, um amor indefectível à justiça, expressão da Vossa Vontade nas relações humanas; infundi-nos uma coragem invicta na defesa de todos os direitos, principalmente, dos humildes, fracos e pequeninos, que são os dilectos do Vosso Coração; fortalecei as nossas consciências, para que não atraíçõem o dever ante as intimidações da fôrça, ou de solitudes de interêsses e ambições mesquinhas; fazei que em todo o exercício da nossa profissão sejamos sempre os instrumentos dóceis dos desígnios da Vossa Providência no govêrno dos homens».*

Assim fortificados, animados, espiritualizados, a Fé por arma, a Justiça por escudo e a Bondade como baluarte, em todos os combates, seremos vencedores!

Apertemos as nossas relações, para que da coesão da nova *Internacional do Direito e da Justiça* derive intacta e intangível a civilização por nós operada!

Sôbre Portugueses e Brasileiros recai pesado encargo: manter, guardar, expandir *lusitanidade*, a gloriosíssima *lusitanidade*, hoje *portuguesa e brasileira*.

Disse.